



JULHO 2002

Fogo na floresta

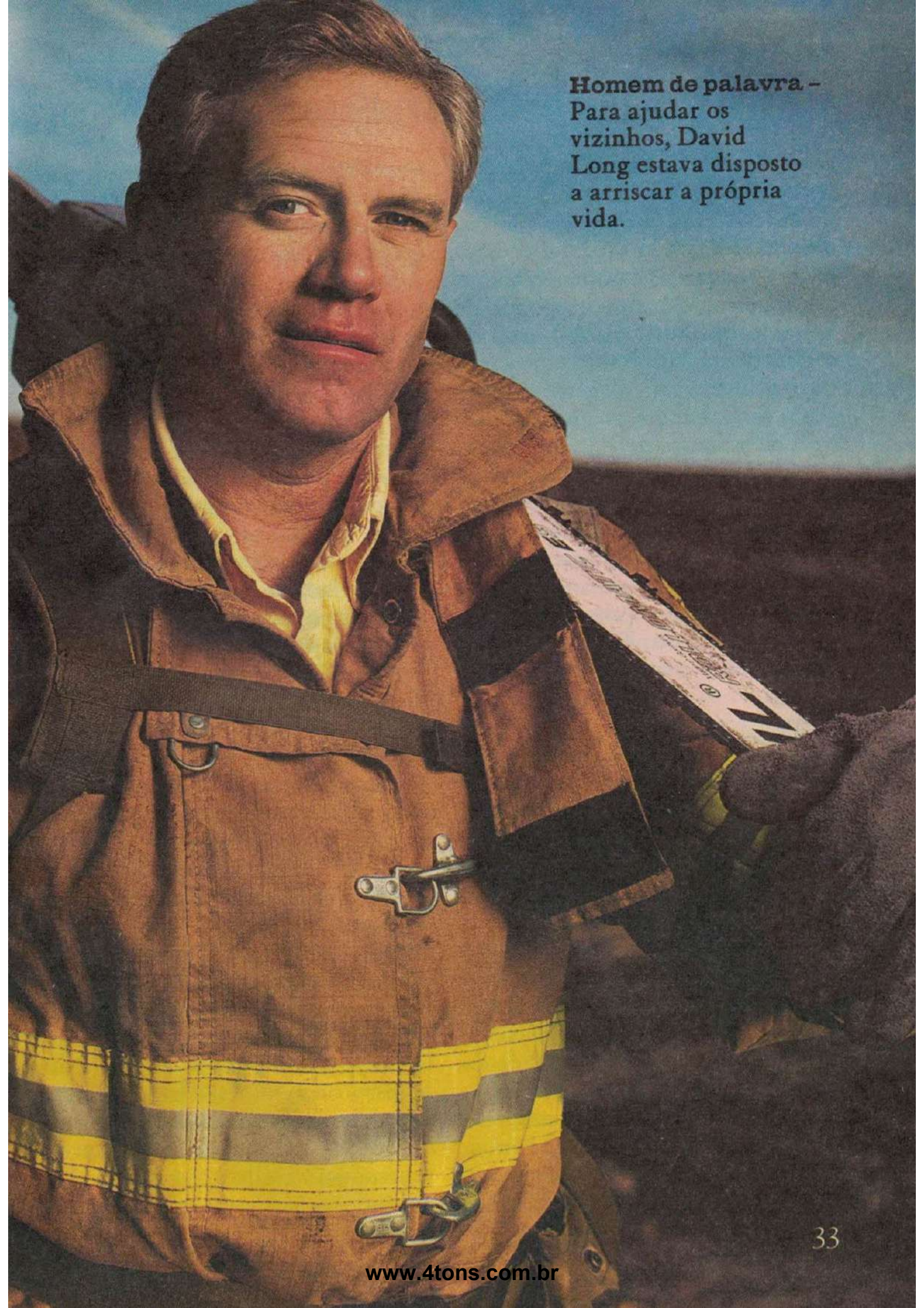
Uma promessa tornava seu
aquele incêndio

Por BARBARA SANDE DIMMITT

DAVID LONG pára no acosta-
mento da Rodovia Inte-
restadual 82 para exami-
nar a fumaça que se ergue como
uma nuvem de tempestade acima
de Horse Heaven Hills, no sul do
Estado de Washington. Aos 44

FOTOGRAFADO POR GARY BENSON

www.4tons.com.br



Homem de palavra -
Para ajudar os vizinhos, David Long estava disposto a arriscar a própria vida.

Uma onda de chamas surge no morro.

anos, de rosto quadrado e corpo forte, David, do Colorado, tem 25 anos de experiência em combate a incêndios no Serviço Florestal. A cor escura da fumaça indica que as chamas avançam rapidamente, dispondo de bastante combustível. A forma da coluna de fumaça, com o topo partido e inclinada para o lado, é sinal de vento forte. *Por que não há apoio aéreo?*, pergunta-se ele.

Aquele incêndio nada tem a ver com ele. Divorciado e pai de três filhos, David está de folga na tarde de 24 de agosto de 2000, a caminho de Seattle para visitar a irmã. Mas ali perto há gente que pode estar precisando de socorro. Ele volta para a caminhonete e segue em direção à fumaça.

FRANCIS Wattenbarger, 78 anos, esfrega os olhos irritados. Ele e a mulher, Kate, 77 anos, estão diante da casa do início do século e observam. A propriedade fica numa colina gramada, protegida por um arvoredo que funciona como quebra-vento. Do outro lado da estrada, cerca de 400 metros à esquerda, há uma casa – uma antiga escola – que eles alugam. Do outro lado da estrada, depois de uma série de morros, um manto maciço de fumaça escura vem rolando na direção deles.

Os Wattenbargers já viram incêndios na mata e não são do tipo

que entra em pânico. “Vamos dar uma olhada”, diz Francis. Eles sobem pela estrada para verificar o fogo. As cristas dos morros escondem a sua extensão, mas eles percebem que o incêndio é grande. No entanto, sem saber a que velocidade o fogo avança, resolvem voltar para casa e esperar, atentos.

RETORNANDO de viagem, Susan Price acelera a picape morro acima, em direção à fumaça que avistou lá embaixo no vale. Só consegue pensar nos seus oito cães, dois gatos e dois cavalos. Aliviada ao perceber que a casa que aluga está intacta, mas alarmada pela força do vento, vai falar com os Wattenbargers. As notícias pelo rádio os levaram a acreditar que o incêndio está sendo monitorizado, e por isso Susan vai tratar de sua vida. *Se o fogo continuar a vir para este lado, pensa, em duas horas recolho os animais e os levo morro abaixo.*

PROVOCADO por um raio que caiu na noite anterior perto de um riacho na Reserva Indígena Yakama, o incêndio levou a melhor contra os bombeiros da área da reserva naquela manhã. Agora, aproximando-se dos limites da reserva, os chefes dos bombeiros de Horse Heaven Hills convocam voluntários. Fazendeiros em meio à colheita do trigo se apresentam para ajudar. Numa feira do condado, as pessoas atendem ao ape-

'Vá embora! Agora!', ele grita.

lo por voluntários enviado pelos alto-falantes. Eles partem em caminhonetes que carregam tanques de cerca de mil litros de água.

DAVID LONG faz uma curva na estrada e vê uma mulher pequena, enchendo uma gamela para cavalos. Parando perto dela, ele sai do carro e pergunta:

– Quem está combatendo esse incêndio?

– Não sei – responde Susan. – Acho que ninguém.

Long estaciona e pega seu binóculo. A parte inferior da fumaça brilha num tom vermelho – o que significa que as chamas estão logo abaixo da frente da coluna de fumaça, movimentando-se à velocidade do vento, entre 30 km/h e 50 km/h.

Long tira a bagagem da caminhonete para pegar o equipamento de combate ao fogo que leva sempre com ele – botas, machadinha, pá, mochila e serra.

“Vou fazer o que puder por sua casa”, diz a Susan, vestindo o casaco de proteção. “Mas, se tiver documentos ou algo que queira salvar, tem no máximo 30 minutos para apanhá-los e sair daqui.”

Aturdida, Susan chama os cães para dentro da caminhonete. Como os gatos estão dormindo, ela os enfia em uma fronha e os carrega para fora. A égua está do outro lado da estrada; o potro, porém, encontra-se a uns 400

metros de distância, numa estrebaria perto da casa dos Wattenbargers. Haverá tempo para tirá-los de lá?

Long avalia a situação. A estrada próxima poderia servir como aceiro. No entanto, há apenas uma pequena estrada e uma trilha entre a escola e os morros cobertos de mato, pelos quais virá o fogo. O tanque de propano no quintal causará uma explosão feia se as labaredas o alcançarem.

Ele dirige o jato de um *sprinkler* para o tanque de propano e com a serra corta o mato rasteiro em torno dele. Entretanto, perde minutos preciosos ajudando Susan a fixar na caminhonete o engate para o *trailer* dos cavalos. Quando Long se vira para abrir um aceiro atrás da casa, uma onda de chamas surge no morro, a menos de 200 metros. “Vá embora! Agora!”, grita ele.

SUSAN SEGUE direto para a estrebaria. Os mourões da cerca e o mato em volta já estão ardendo. Inacreditavelmente, o potro está esperando junto à cancela. Susan, embora assustada, fala baixo e devagar, acalmando-o. As brasas chamuscaram alguns pontos do dorso do animal e os pêlos do rabo se enroscam com o calor. Com as mãos trêmulas, Susan lhe põe o cabresto, prendendo-o à caminhonete que está do outro lado da estrada,

Eles apagam as brasas que caem no

na entrada da casa dos Wattenbargers, e corre para o pasto a fim de salvar a água.

ENQUANTO ISSO, na casa de Susan, Long despeja uma trilha de gasolina em volta da casa e atea fogo. Com alguma sorte, ele pretende criar uma área de proteção além do gramado cortado. Long entra e fecha as janelas, para que as faíscas não invadam a casa, pega o telefone e tenta discar para a Emergência, mas a linha está muda.

O calor atravessa as janelas, e um paredão de chamas de mais de quatro metros tapa toda a vista. O tanque de propano está a apenas alguns metros de distância – estará encharcado o suficiente? Pela primeira vez, Long receia estar correndo perigo de verdade.

Ele sai depressa da casa, põe a serra no ombro e corre. Atrás dele, o fogo ruge, aspirando o oxigênio. Um desnível no chão o derruba, mas Long se levanta e consegue chegar à estrada. Tossindo, ofegante, vê que as chamas enfurecidas pelo vento transpõem a estrada em vários pontos.

Um foco de incêndio surge no pasto do outro lado da estrada. Saltando a cerca, Long corre para apagá-lo com a pá. Um segundo foco aparece na borda do campo e sobe por um barranco, onde, por um instante, Long avista um carro de bombeiros, que em seguida é envolvido pela fumaça. Temendo ficar preso

também, ele circunda o fogo e se dirige para a extremidade do pasto.

KATE WATTENBARGER está ao telefone, nervosa. O neto ligou porque em breve irá para a faculdade. No meio da conversa, faz-se um silêncio repentino. As luzes se apagam. Sua aflição se transforma em medo. Sem telefone, estão isolados. Sem energia, a bomba do poço não funciona. Sem água, a casa onde moram há 46 anos estará perdida. Mas, sobretudo, Kate Wattenbarger teme pelo marido. Francis sofreu um acidente vascular cerebral alguns anos antes e a tensão pode provocar outro. Nesse momento, ele está lá fora, resolvido a salvar a casa.

Long avança pelo mato rasteiro. Para seu alívio, Susan Price e seus cavalos estão na entrada da casa dos Wattenbargers. Dois bombeiros da região também estão lá. Era deles o caminhão que ele vira no pasto. Soube então que eles escaparam por pouco de ficar cercados pelas chamas quando a bomba enguiçou.

Long entra na cozinha e encontra Kate Wattenbarger recolhendo fotos da família, contas a pagar e um cofre de porquinho. Ela parece assustada, mas controlada.

– A senhora tem menos de 15 minutos para sair daqui – avisa Long.
– Há mais alguém na casa?

– Meu marido, mas ele está lá fo-

telhado como chuva de granizo.

ra, tentando apagar o fogo – explica ela. – Não sei se vai querer ir.

Long encontra Francis Wattenbarger entre o arvoredo e as chamas que avançam, mancando um pouco por causa de uma antiga lesão nas costas, de pá na mão. Por mais inútil que seja o gesto do velho homem, Long admira sua fibra.

– Está na hora de ir – diz Long, apoiando Francis com o braço.

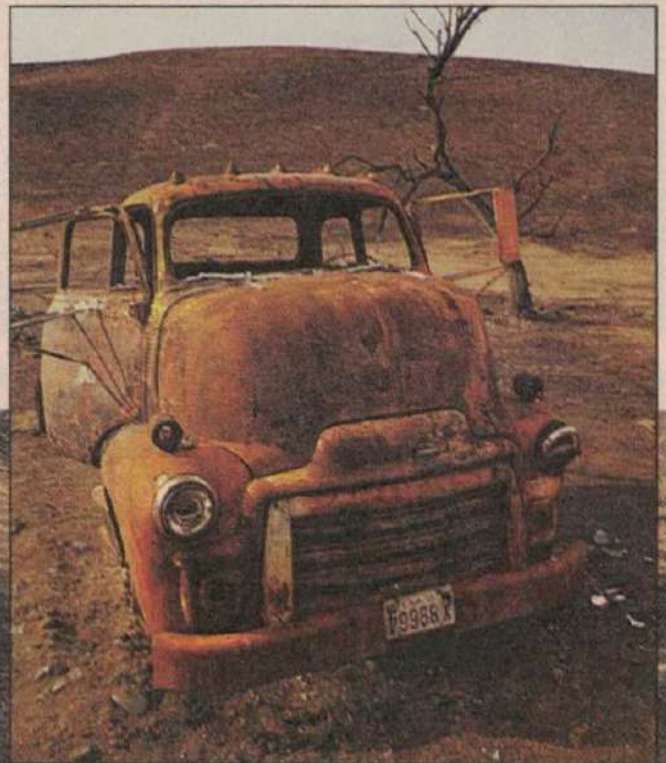
O fazendeiro aposentado se deixa conduzir por aquele estranho até o carro, onde a mulher o aguarda.

Terra crestada – O fogo avançou rápido, quase encurralou Long e deixou cicatrizes na terra e no caminhão abandonado.

– Não posso acreditar que vamos perder tudo – murmura, olhando para a casa que seus pais construíram em 1907.

Long sente a angústia do fazendeiro e se comove com aqueles dois, sentados empertigados no carro, os olhos cheios de lágrimas.

– Diante de Deus eu prometo fazer todo o possível para salvar sua





Ato heróico – ‘Eu vi o que ele fez e ainda fico emocionada’, diz Susan Price sobre a luta de Long por ela e os Wattenbargers.

casa. Mas vocês têm de ir embora!

Agora o incêndio é seu.

Com Susan e os Wattenbargers a salvo, Long se concentra em combater o fogo. Começa a derrubar os pinheiros secos para proteger a casa e, de repente, eles se acendem como fogos de artifício, fazendo-o recuar. Labaredas vermelhas, alaranjadas e amarelas avançam em direção à casa. Um dos voluntários o ajuda a apagar as brasas que crivam o telhado do alpendre como chuva de granizo. O homem fica com ele até ser chamado para combater outro foco.

Ao longo de 42 quilômetros, a despeito da falta de comunicações e

dos poucos recursos, os voluntários utilizam seu conhecimento do terreno para vencer o fogo e evitar desastres. Minutos depois que o quebra-vento de árvores dos Wattenbargers se incendeia, chega um carro de bombeiros, que ensopa as árvores e corre para a fazenda vizinha.

Mais tarde, quando uma nova série de chamas avança pelo pasto, ameaçando a casa, um caminhão – uma relíquia dos anos 60 – chega roncando no meio da fumaça, trazendo exatamente aquilo de que Long precisa: quase 4 mil litros de água e dois homens.

Ele faz sinal para o caminhão e

mostra aos homens onde molhar, formando uma faixa de proteção no meio do pasto. Depois, atea um contrafogo, fazendo arder combustível entre a faixa de proteção e as chamas que se aproximam para criar uma barreira mais larga, que, ele espera, o fogo não conseguirá transpor.

Após duas horas de luta intensa para manter o contrafogo dirigido contra seu adversário, as chamas se fundem como feras disputando uma presa. Em segundos restam apenas espirais de fumaça pequenas e silenciosas. A barreira resistira.

À meia-noite Long já venceu os focos em ambas as casas e anseia por um repouso bem merecido. Com um suspiro de cansaço, olha o pasto dos Wattenbargers e sente uma descarga de adrenalina. De algum modo, as labaredas reviveram na parte não queimada da faixa de proteção, no lado mais próximo da casa.

Não há tempo de chamar o pessoal de apoio. Dentro de minutos, talvez menos, o fogo atingirá o capim alto e de novo avançará sobre a casa. Correndo um risco calculado, Long leva a caminhonete para perto do fogo. Pode perder o veículo – e mesmo a vida – se as chamas o cer-

carem, mas prometeu proteger a velha casa. Com a pá, ele começa a jogar terra nas chamas. Sob a faixa molhada ele descobre a causa do fogo: um espesso veio de esterco seco. O fogo devia estar ardendo por baixo e agora revivia. Long salta de um lado para outro no pasto, apagando pequenas erupções e cavando o esterco até encontrar a terra nua.

Só, ele sente cada antigo ferimento, cada músculo contraído, cada esforço para respirar. Apesar disso, nem pensa em desistir. Às 4 horas, um chefe dos bombeiros passando por ali diz que vai mandar um carro e uma equipe para cuidar da área.

Quando o dia amanhece, o bombeiro exausto vê que as casas de Susan e dos Wattenbargers estão sãs e salvas.

FORAM NECESSÁRIOS mais três dias, quase 100 grupos de bombeiros e 530 membros da Guarda Nacional para conter o incêndio. As chamas consumiram cerca de 30 mil hectares. Alguns fazendeiros perderam safras e edificações, mas apenas uma residência foi destruída e não houve mortes ou ferimentos graves – graças a David Long e a todos os voluntários que tornaram seu aquele incêndio.

PONTO DE VISTA



Noite dessas, um famoso colunista da televisão se viu diante do escritor Luis Fernando Verissimo e não quis perder a oportunidade de perguntar:

– Luis Fernando, como você vê o passar dos anos?

Verissimo foi rápido no gatilho:

– Sou contra!

–citado por ARTUR XEXÉO no jornal O Globo